

Leonardo Boff: “Ajudei o papa a escrever a ‘Laudato si’. Haverá uma grande surpresa. Talvez padres casados ou mulheres diáconos.”



Na aparição de 17 de março de 1992, Nossa Senhora disse a Raymundo Lopes: "O comunismo ainda não acabou; o demônio continua em vigília permanente. A Rússia, a qual pedi que fosse consagrada a mim, ainda não está convertida; entretanto, ela se converterá". Trata-se de uma clara advertência àqueles que ainda pensam que o comunismo foi derrotado com a queda da União Soviética.

Dias depois, na aparição de 31 de março, Nossa Senhora se dirige ao clero da América Latina, fazendo clara referência à teologia da libertação: "Não esmoreçam diante da indiferença comandada por interesses mundanos e de uma distorcida teologia interesseira, direcionada pura e unicamente a fazer a vontade dos homens, perdendo seu precioso tempo em batalhas sociais

que poderiam ser resolvidas vivendo-se o Evangelho". O materialismo fomentado pela teologia da libertação e pela infiltração socialista na Igreja também é abordado na mensagem ditada no dia 7 de janeiro de 1997: "Seria desnecessária a minha vinda até vocês, se todos fizessem das palavras de Jesus um direcionamento ao amor fraterno. Entretanto, o que presencio é justamente o contrário: estão usando-as para lutas sociais. Essa é pois a razão de, nestes tempos atuais, acontecer uma humanidade morta às coisas do espírito, dando uma ênfase incondicional às coisas da matéria. É necessário que o Evangelho seja urgentemente ressuscitado entre vocês na sua essência".

Leonardo Boff: "Ajudei o papa a escrever a 'Laudato si'. Haverá uma grande surpresa. Talvez padres casados ou mulheres diáconos."

Por Marco Tosatti, 27 de dezembro de 2016 | Tradução: André Sampaio – FratresinUnum: Leonardo Boff, o bem conhecido expoente da teologia da libertação, concedeu uma entrevista ao jornal alemão Kölner Stadt-Anzeiger. Boff, que tem 78 anos, falou livremente sobre a Igreja, e revelou alguns detalhes de sua relação com o Pontífice e de possíveis decisões futuras.

A fonte da qual nós obtivemos o material que lhes oferecemos é um artigo de Maïke Hickson para o *One Peter Five*. Sobre quanto se refere ao tema dos padres casados no Brasil, remetemos vocês a também alguns artigos que publicamos no passado acerca da matéria. É interessante notar como as declarações de Boff vão na mesma linha e direção de quanto escrevemos. Já há dois anos...

Sobre a teologia da libertação, Boff diz que "Francisco é um de nós". Em particular pela atenção aos problemas ecológicos, dos quais Boff se ocupou. O Pontífice leu os livros desse temário de Boff? "Mais que isso. Pediu-me material para a *Laudato si'*. Dei-lhe o meu conselho e lhe enviei coisas que escrevi... Contudo, o Papa me disse de maneira direta: 'Boff,

não me envie as cartas diretamente'."

Por que não? "Disse-me: 'Se o fizer, os subsecretários as interceptarão e eu não as receberei. Em vez disso, envie as coisas ao embaixador argentino junto à Santa Sé, com quem tenho um bom contato, e elas chegarão seguras às minhas mãos." O embaixador é um velho amigo do Pontífice. "E depois, um dia antes da publicação da encíclica, o Papa fez chamar-me para agradecer-me pela ajuda."

No que diz respeito a um encontro pessoal, Boff falou ao Pontífice em relação a Bento XVI, que, quando Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, teve um papel importante na sua condenação: "Mas o outro ainda está vivo, afinal de contas!". "Ele [Francisco] não aceitou isso [não aceitou o receio, a hesitação de Boff]. 'Il Papa sono io' ['O Papa sou eu'], respondeu (em italiano no texto [do jornal alemão], .). E fomos convidados a ir."

À pergunta sobre por que a visita não se realizou ainda, Boff respondeu: "Eu havia recebido um convite e havia já desembarcado em Roma. Mas justamente naquele dia, imediatamente antes do início do [segundo] Sínodo da Família em 2015, 13 cardeais, entre os quais o alemão Gerhard Müller, puseram em pé uma rebelião contra o Papa com uma carta endereçada a ele que foi publicada – que surpresa! – em um jornal. O Papa estava irado e me disse: 'Boff, não tenho tempo. Devo restabeler a calma antes que o Sínodo comece. Nós nos veremos em um outro momento'".

Boff depois disse, sobre o futuro: "Esperem e vejam! Ainda recentemente o cardeal Walter Kasper, que é um estreito confidente do Papa, me disse que logo haverá alguma grande surpresa".

Que tipo de surpresa? "Quem o sabe? Talvez um diaconato para as mulheres, após tudo. Ou a possibilidade de que os padres casados se envolvam no trabalho pastoral. Este é um pedido

explícito dos bispos brasileiros ao Papa, especialmente da parte de seu amigo o cardeal Cláudio Hummes. Ouvi que o Papa quer atender ao seu pedido – inicialmente por um período experimental, no Brasil.”

Boff depois falou que uma decisão nesse sentido não mudaria nada para ele: “Pessoalmente, não tenho necessidade disso. Não mudaria nada para mim, porque faço aquilo que sempre fiz: batizo, presido a exéquias, e, se me ocorre de chegar a uma paróquia sem padre, celebro a missa com o povo”.

Leonardo Boff é, desde décadas, uma figura proeminente da teologia da libertação. Para uma biografia completa, remetemos à Wikipedia, da qual extraímos este parágrafo:

“A atividade de Boff continuou depois de 1992 como teólogo da libertação, escritor, docente e conferencista. Ele permanece também envolvido com as comunidades eclesiais de base brasileiras. Em 1993 se tornou professor de ética, filosofia da religião e ecologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da qual é professor emérito desde 2001. Nos anos seguintes se ocupou, de maneira sempre mais profunda, de política, tornando-se um verdadeiro e próprio teórico marxista, e se converteu em um expoente do considerado Movimento Antiglobalização (sempre foi convidado, na qualidade de orador, para as reuniões em Porto Alegre). Boff esteve sempre próximo das posições do Movimento Sem Terra brasileiro. Em 2001 lhe foi conferido o Right Livelihood Award [Prêmio de Subsistência com Equidade, também conhecido como Prêmio Nobel Alternativo]. Ele se tornou um defensor de Lula no momento da eleição deste como presidente do Brasil, mas se distanciou posteriormente, acusando-o de moderantismo. Atualmente (2010) vive no Jardim Araras, uma reserva ecológica em Petrópolis, junto de sua companheira Marcia Maria Monteiro de Miranda (ativista dos direitos humanos e ecologista), e tem seis filhos adotivos.”

Fonte: